

JORNAL: Estado de São Paulo LOCAL: São Paulo

DATA: 25/12/1953 AUTOR: Lourival Gomes Machado

TÍTULO: A Propósito da II Bienal - A Prata da Casa

ASSUNTO: Comentários sobre a II Bienal

No decorrer irregular desses artigos, tropeçando nos feriados simpáticos e nos antipáticos percalços da saúde, não posso fugir ao comentário, mesmo tardio, dos prêmios distribuídos aos artistas nacionais pelo júri da II Bienal. Não se trata, apenas, do assunto do momento. Havendo posto em relevo meia dúzia de aspectos da política de arte, no que respeita à composição das representações estrangeiras, não poderia esquecer tudo o que, de intenção e programa, pode incluir a instituição e a distribuição dos prêmios nacionais.

É bem verdade que, mal se publicava a decisão do júri, já o sr. Sergio Milliet se apressava em afirmar que genuínos artistas não atribuem importância a prêmios. Não é menos verdadeiro, porém, que os prêmios da Bienal sempre representaram um elemento destinado a atrair e encorajar os artistas "espontâneos", isto é, os que se apresentam por seus próprios meios, sem a ajuda de qualquer instituição privada ou oficial. Entre o momento em que se editou o regulamento da II Bienal, tornando públicas as condições de tal participação e os prêmios oficiais instituídos pelo Museu de Arte Moderna, e o instante presente, quando se confessa a impossibilidade de distribuírem-se esses mesmos prêmios e os mais que se lhe juntaram segundo critérios razoáveis e aceitáveis, deve ter sobrevivido alguma coisa capaz de mudar o rumo dos acontecimentos. Por isso, o caso, parece-me, vale a pena de um rápido exame.

Quando estatuii as normas da exposição de 53, o Museu de Arte Moderna não conseguiu estabelecer, com segurança, uma firme diretriz. De fato, ao desejo, legítimo e incontestável, de reunir um conjunto representativo da produção local e capaz de superar a amostra menos feliz de 1951, não acrescentou as indispensáveis normas de rigor. Assim o próprio regulamento arriscava pretensas liberalidades desprovidas de qualquer significado em si mesmas, qual seja o aumento do número de peças que cada artista podia apresentar à seleção, e mais outras franquias generosas, o que, sem dúvida, impunha a correspondente obrigação de se apertarem ao máximo as condições da escolha vestibular. Tal severidade, no entanto, não parece ter interessado ao Museu, pois quando pela primeira e única vez se reuniu a fugaz "comissão nacional", a direção da Bienal, relativamente à seleção de obras, limitou-se a propor, em termos concretos, sua anulação pela prática intensiva do sistema de convites.

Convites houvera na I Bienal e — salvo no caso da escultora Maria Martins — com bom proveito ou, pelo menos, sem prejuízos. Mas, então, convidaram-se nomes consagrados, num total de seis. Agora, a esses nomes juntar-se-iam os premiados de 51, mais os laureados nos salões oficiais modernos do Rio e de São Paulo, mais outros nomes que aquela "comissão" nati-morta haveria de escolher... Coisa de, no mínimo, trinta nomes implícitos na proposta original, e que, sem dúvida, a inevitável discussão levaria imediatamente à meia centena. Em outras palavras: propunha-se a suspensão, pura e simples, da função primordial do júri de seleção, cuja atividade haveria de reduzir-se à cadeia dos inocentes, à dizimação

A PROPOSITO DA II BIENAL

## A PRATA DA CASA

LOURIVAL GOMES MACHADO

dos valores menores e desconhecidos.

Não foi difícil demonstrar os perigos de uma tal orientação. Duas votações repeliram-se em definitivo e a transitória "comissão", primando em zelo, ainda deitou algumas recomendações à direção da Bienal de 53: preferência pela produção recente, rigor na seleção, fixação de um máximo de obras (200 ou 250) para a secção dos espontâneos a fim de forçar efetivamente a boa execução daquelas providências. Mas, como se sabe, esse ponto de vista não seduziu os responsáveis superiores da Bienal, que nunca mais repetiram a convocação do efêmero órgão consultivo, e, quando veio a trabalhar a comissão de seleção, já eram letra morta as recomendações anteriormente votadas.

Assim, a sala dos "espontâneos", isto é, aquela em que se representa a arte atual do Brasil compôs-se segundo um entrecruzamento de critérios, preferências e programas que podem, hoje, ser percebidos no conjunto exposto no Ibirapuera, mas cujo intrincado enredamento não me aventurarei a retrair. De qualquer forma, se houve uma política da direção da Bienal, foi, mais uma vez, a política do grande número. Havia muito espaço nos pavilhões do sr. Oscar Niemeyer; que, pois, se esfaltesse o visitante, mas não se fizessem economias de espaço... O resultado, ou melhor, a consequência inevitável dessa insolita diretriz foi que no seio do júri de seleção, composto e heterogêneo em matéria de convicções estéticas, não chegou a estabelecer-se sequer aquela sábia competição de pontos de vista diferentes que, por vezes, pode levar a uma composição razoável, a um termo de entendimento admissível e proveitoso.

Não sei, ao certo, como trabalharam os juizes, pois, andava longe, em viagem. Mas, observando o resultado desse trabalho, sinto-me animado a aventurar que duas alas dominaram ou predominaram, pois evidentemente um concretismo ortodoxo, demonstrando alguma tolerância para com as várias tonalidades do abstracionismo, não deixou de estabelecer bem nitido o poder de sua influencia, enquanto de outra parte uma crítica de fundamento sensível e maior largueza conceitual andou a salvar os figurativos de tendências variadas. Não havendo, contudo, o ajuste imprescindível das duas posições segundo critérios aceitáveis para ambas, a seleção resultou, por assim dizer, em dois trabalhos paralelos que, muitas vezes, se compensaram reciprocamente sem, entretanto, entender-se. Assim, é só assim, se explica a inclusão de certas peças, como acontece (para citar apenas dois casos em que os prêmios recebidos obviarão a eventual irritação causada por esta crítica tardia) pelo menos com dois trabalhos de Di Cavalcanti e três dos exercícios de estilo de Ivan Serpa. Percebe-se como as neutralidades convencionais alternaram-se jeitosamente, desde que se estabeleceu a certeza de que, afinal, havia lugar para todos nos infinitos painéis do Ibirapuera.

Acrescentemos, apenas, que, cada qual em seu território, essas duas correntes, não se mostraram rigorosas mesmo em sua economia interna e andaram saltando de um a outro critério, ora atendendo aos nomes prestigiados ou consagrados, ora à limpeza dos meios técnicos, ora a uma relativa imaginação, ora ao sabor mais nacional ou regional de certas paletas e certas figurações. Por isso, a pintura local, mesmo apresentando-se hoje dez furos acima do estagio em que se encontrava em 1951, não está longe de representar-se satisfatoriamente na II Bienal. A escultura, em nível geral muito fraco, dá a impressão de ter fugido a qualquer seleção. Só mesmo a secção de branco-e-preto, gênero em que vai o Brasil alcançando um padrão equivalente aos melhores de qualquer outra parte do mundo, dá-nos uma impressão de vigor e valor, como se tivesse forças para impor-se, na soberania de sua grandeza, a todos os princípios programáticos, a todas as predileções de gosto, a todos os arranjos e escrutínios do júri, para surgir intacta em sua verdadeira e admirável feição.

Sobre essa representação tumultuada e de difícil avaliação, trabalhou o júri dos prêmios. Errou, porque sem dúvida tinha de errar exercendo seus poderes em tais condições e, ademais, sentindo renascer em seu seio as oposições irreconciliadas que haviam marcado o júri dos prêmios e agora somadas à desorientação suscitada pela anterior "Ballottage" destinada a paliar os entrecruques de interesses na concessão dos prêmios internacionais. Errou, no entanto, menos do que era de esperar. Ou, pelo menos, compenhou seus erros com algumas decisões acertadas. Assim, se quase todas as laureas conferidas a escultores brasileiros podem ser postas em dúvida, a atribuição do primeiro prêmio a Bruno Giorgi é reconfortante. A nitida distinção de Livio Abramo e Arnaldo Pedrosa d'Horta, seguida pelos muito razoáveis e defensáveis prêmios distribuídos a outros gravadores e desenhistas, levam-nos a estranhar um pouco menos os prêmios de pintura na qual todos os esforços parecem ter sido postos em equilibrar, com fartos punhados de aquisições de obras concretistas e abstracionistas, a classificação principal conferida, "exequo", a dois figurativos. E, nessa ordem de observações poderíamos ir longe, mas não chegaríamos a lugar nenhum...

Tornam-se, sem dúvida, inúteis as objeções que se levantem ao resultado de uma artificial e mesmo artificiosa combinação de juízos estéticos individuais originalmente expremidos em toda a sua subjetividade e relatividade. Nem por isso, contudo, deixarão de repercutir, negativa ou positivamente, os resultados dessa difícil e desconsertante operação, razão pela qual valeria a pena nele despendir todos os esforços, senão para torná-la acertada e unanimemente aceitável, o que seria quase-utopia, ao menos para atribuir-lhe um mínimo de congruência e coerência. Ora, se traços característicos apresen-

tam os prêmios de 1953, serão, por certo, o de uma tremenda incongruência, que a levou a adotar um critério diferente para cada caso particular e, por vezes, a tresmalhar-se na pura e simples falta de critério, e também uma imperdoável incoerência que quase sempre a preteriu ou desmentiu as mesmas razões da instituição dos prêmios distribuídos. O ambiente tornara-se, aliás, propício a todos de desvios e desmandos, razão pela qual soaram justas e objetivas as palavras com que o sr. Luis Martins, o menos violento e o mais isento de nossos critos, lembrava que, afinal, dias antes de reunir-se o júri, já se conheciam nomes favoritos e possíveis composições de interesses. E, se ao sr. Luis Martins faltasse toda a razão que em verdade lhe sobra, aí estaria mais essa prova da preterição, no confuso e febril arranjo, do único dos pintores radicados no Brasil que, de forma alguma, poderia ser ignorado com seus cinco quadros fortes, expressivos, bem construídos, limpamente executados, dotados da maior segurança técnica, fiéis a uma visão estética bem definida e bem fundada, até mesmo brilhantes na perfeita transfusão do conteúdo em forma — está claro que aludimos a Karl Plattner.

Eis como um júri e, depois, outro júri, á força de jogarem malabaristicamente com uma porção de valores por certo respeitáveis e legítimos em sua relatividade, mas nem por isso menos parciais e sobretudo contraditórios entre si, acabou por esquecer-se dos valores fundamentais, constantes, essenciais, únicos a fazerem uma na variedade e contínua apesar das fragmentações espaciais ou temporais, a própria história da arte.

Por mais que os artistas desejem encarar superiormente tal distribuição de prêmios a impressão que lhes restará em caso algum será de confiança. E sem a confiança dos artistas, a Bienal — que se presuppõe destinada a manter sua periodicidade — sempre permanecerá à mercê duma apresentação "espontânea" imprevisível, que por ocasião de cada convocação, a deixará em sobressaltos até a última hora. Como em sobressaltos já se sentiu ao menos por duas vezes, sem que dessa aflição conseguisse inferir uma simples, fácil lição.